



Intelecto e Vontade

José Alfredo Nedel Filho ¹

Resumo: O intelecto e a vontade são duas faculdades da alma humana. O intelecto tende a encontrar o ser, a verdade, e a vontade tende à felicidade, a beatitude do homem. Estes dois sistemas agem em conjunto na psique humana, mas para estudá-los se faz a divisão dentro da Filosofia. Estes dois sistemas quando os estudamos são perfeitos, porém a pergunta que fica: Por que o ser humano sofre? Não atinge a sua plenitude? A vontade deveria seguir as indicações do intelecto, mas na prática o Eu lógico-histórico segue as indicações e escolhas da consciência. O intelecto ou inteligência é uma faculdade que conhece e identifica as formas essenciais e causais de qualquer coisa ou evento. Nós não seguimos o intelecto, mas o que nós humanos conhecemos é um estado de consciência, que está lendo sempre o real em atraso, porque no mundo-da-vida primeiro ocorrem os fatos, as ações e depois a reflexão, que se forma na consciência. Esta reflexão é do fato que já ocorreu. A consciência humana, por como está estruturada não consegue determinar os eventos em vantagem do indivíduo, ela apenas os lê em reflexão dos fatos passados.

Palavras-chave: Intelecto; vontade; consciência.

Intellect and Will

Abstract: The intellect and the will are two faculties of the human soul. The intellect tends to find the being, the truth and the will tends to happiness, the beatitude of the man. These two systems act together in the human psyche, but to study them one makes division within philosophy. These two systems when we study them are perfect, but the question remains: Why does the human being suffer? Does it not reach its fullness? The will should follow the indications of the intellect, but in practice the historical logical self follows the indications and choices of consciousness. The intellect or intelligence is a faculty that knows and identifies the essential and causal forms of any thing or event. We do not follow the intellect but what we humans know is a state of consciousness, which is always reading the real in arrears, because in the world of life first occur the facts, the actions and then the reflection, which forms in the consciousness. This reflection is from the fact that it has already occurred. Human consciousness, inasmuch as it is structured can not determine the events to advantage of the individual, it only reads them in reflection of the past facts.

Keywords: intellect; will; consciousness.

¹ Empresário, estudante no Curso de Graduação em Psicologia e estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: josealfredonedel@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O argumento a ser estudado neste trabalho é o intelecto e a vontade, dois componentes subjetivos do ser humano e que são os responsáveis pelo funcionamento da atividade psíquica. Do seu bom funcionamento depende a saúde, o bem-estar, o sucesso e a felicidade. A interação que existe entre estas duas faculdades da alma humana e em que partes se dividem. As duas faculdades da alma, o intelecto e a vontade, são o objeto de estudo deste trabalho.

Foi realizado um estudo histórico baseado em vários autores, começando desde Aristóteles, antes da era cristã e chegaremos aos nossos filósofos contemporâneos, para analisarmos como cada um descreve, sintetiza e argumenta, estes dois sistemas que são inerentes a nós humanos que habitamos este planeta terra. Foi tecida uma interlocução com cada autor utilizado no estudo. O homem se sente sem autonomia de vontade e culpa as coisas externas quando algo lhe acontece.

O homem, de forma geral, no sentido de espécie humana, é tido como pecador, cometendo erros em função de seu livre arbítrio e da presença do monitor de deflexão² na psique humana.

Apesar da existência de 3 mil culturas no planeta terra, os homens sofrem de diversos males: físicos, psíquicos, financeiros e tantos outros. Nenhuma cultura tem conseguido tirar o homem do sofrimento como regra geral e explicá-lo por como é, e qual o motivo desse sofrer.

O objetivo deste trabalho é realizar um comparativo entre vontade e intelecto e ter ao mesmo tempo, uma visão histórica do assunto, no sentido de compreensão do ser humano.

A temática de intelecto e vontade interessa em função de que ao mesmo tempo que somos um existente no planeta terra, não temos a auto compreensão de nós mesmos, existimos mas não nos sabemos por completo, abrimos mão do saber e nos apoiamos em crenças, tradições, costumes. Vivemos em um estado de consciência que não coincide com o mundo real da vida.

Tudo o que ocorre conosco passa pelo intelecto e pela vontade. Deste argumento vem o nosso interesse em estudar esta temática. O intelecto foi pela primeira vez estudado por Aristóteles, que foi quem descobriu, que o mesmo tinha as funções dedutivas e indutivas. O intelecto com o uso da racionalidade pode fazer análises e sínteses.

² Monitor de deflexão é um programa acumulado no interior das células cerebrais, que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva, em base à uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: na infância (MENEGETTI, 2010).

2 Metodologia

A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica desde Aristóteles, com os principais estudiosos do tema, até os nossos dias, para se estudar o conceito de intelecto e vontade. Seleccionamos os cinco mais importantes e durante o trabalho abordamos conceitos e verificamos quais diferenças existem entre eles.

3 Fundamentação teórica e discussão

Nas discussões apresentamos uma representação gráfica que resume as partes³ em que a alma humana se divide para melhor compreensão do leitor. O intelecto é a parte mais subjetiva do ser humano, é aquela parte mais íntima, é a parte que compreende a ação causal do fato ou fenômeno que aparece. É transcendente e espiritual. É a faculdade da alma que conhece e identifica as formas essenciais e causais de qualquer coisa ou fato. O intelecto colhe/conhece por intuição, que é uma percepção interna.

Intelecto significa entendimento, raciocínio, reflexão. Intelecto vem do latim e significa ler por dentro, é uma potência cognitiva da alma humana, através da qual ela conhece algo de si, algo que lhe rodeia e algo que a transcende. O intelecto é uma faculdade um ato, que é exercitado através da inteligência. Aquele que faz uso do intelecto se denomina inteligente. O intelecto reconhece como próprio do seu conhecimento a realidade material, porém parte das realidades imateriais, isto é, para além das coisas corpóreas o intelecto procura se conhecer primeiro, por isso se diz que o intelecto é imaterial. A ciência tem seu ponto de partida na atividade intelectual.

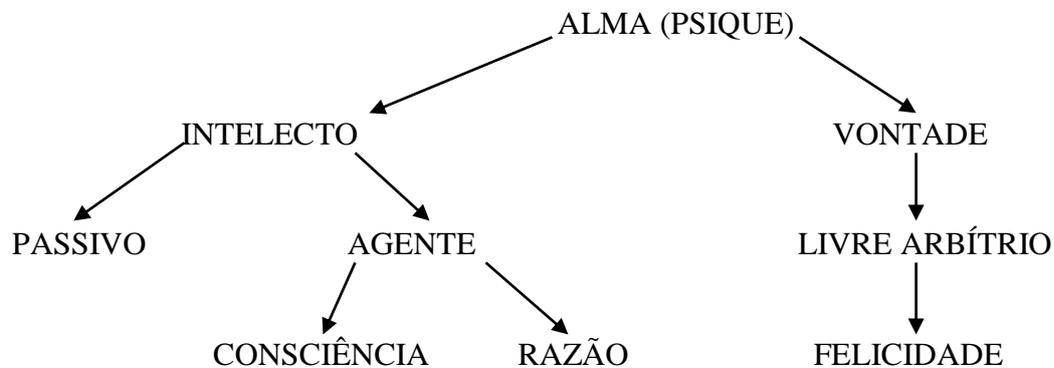
Inicialmente, o intelecto estava associado à percepção de noções da metafísica, e era contemplado como uma capacidade da mais elevada compreensão, e era superior à razão. Mais tarde, o intelecto foi relacionado com o conhecimento de coisas finitas, enquanto o infinito era abordado pela razão.

A vontade é a faculdade de principiar e atuar o ato em modo, lugar e tempo. Determinação ou sentimento que leva uma pessoa a fazer alguma coisa, a buscar seus

³ Se é possível falarmos em “partes”, apenas como uma compreensão didática.

objetivos ou desejos. Capacidade individual de escolher ou desejar aquilo que bem entender, faculdade de fazer ou não fazer determinadas ações.

No gráfico abaixo vemos como podemos “dividir” a alma para facilitar a compreensão:



O gráfico ajuda o entendimento de como a alma humana utiliza estes dois mecanismos para operar. O intelecto e a vontade agem sempre juntos, mas fizemos esta divisão para facilitar o estudo. A vontade provoca o intelecto a agir e este muitas vezes provoca a vontade a querer o objeto. Estão sempre em dualidade. O intelecto é sempre intencional e a vontade faz agir ou não o Eu lógico-histórico.

A razão ou racionalidade humana é perfeita, funciona bem, não tem nenhum tipo de dificuldade. A dificuldade está na reflexão que aparece do objeto na consciência, onde a reflexão do objeto foi alterada pela atividade do monitor de deflexão, que não altera o objeto, nem poderia fazê-lo, mas sim a reflexão do mesmo que aparece na consciência, devido a ter alterado à imagem. A racionalidade se abastece dos dados para perceber a realidade daquela individuação no espelho da consciência. O “erro está na consciência” que é o espelho onde o Eu lógico-histórico se baseia para decidir a favor ou contra aquela individuação.

A consciência humana está baseada na percepção externa, nos 5 sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), priorizando a visão e a audição. Em termos de corpo, a parte da cabeça estão os 4 sentidos, do tórax para baixo temos somente o tato. Nossa consciência não capta a existência do cérebro visceral, presente no intestino chamado cérebro neurovegetativo-entérico, que possui autonomia em relação ao cérebro cerebral (SNC). O cérebro visceral tem em torno de 600 milhões de neurônios.

O Eu lógico-histórico lê a realidade presente com uma memória do passado por estar absolutamente convicto que aquilo é o real o que ela está lendo no espelho da consciência. “Lendo” no sentido de refletir a imagem do real externo.

Para mudar a consciência tem que se mudar o comportamento. Parece simples e até fácil, mas a prática diária exige muito esforço. É necessário se desvincular de muitos aspectos nos quais acreditamos, aprendidas do ambiente familiar como verdadeiras e do superego social, desde a mais tenra idade, como categóricos imperativos, isto é, não verificados. Os nossos erros estão, na maioria das vezes, focados nas relações afetivas, sexuais e agressividade – que variam em nuances diferentes de um sujeito a outro.

Nós seres humanos somos existentes e vivemos em um estado de consciência parcial, que não permite ao homem, de fato, se conhecer, temos consciência apenas de 10 a 20 % da realidade externa que nos circunda. Não compreendemos toda a realidade interna e externa. Não entendemos os sinais que o nosso corpo emite. Negligenciamos muitas partes do nosso corpo de maneira inconsciente ou consciente e damos preferência pela diretiva que nos vem do superego social ou materno⁴.

O intelecto agente racional quer sempre saber a verdade do objeto que está a sua frente, no aqui, assim e agora, ao passo que o Eu lógico-histórico está baseado em memórias do passado, fé no sacerdote, crença em mitos. O intelecto agente baseado na racionalidade quer a essência do objeto, quer o ato causal, ao passo que o intelecto agente baseado na consciência que se une à vontade quer o caminho mais simples o da fé, da cultura familiar, do meio social.

A realidade do mundo-da-vida é sempre funcional para o indivíduo, é sempre conveniente e que aperfeiçoa aquela individualização desde que a consciência saiba perceber a intenção da alma e refletir de maneira correta o objeto. A dificuldade está em como perceber a realidade usando uma consciência que se sustenta em memórias, maneiras como o sujeito foi amado pelo adulto mãe, juízos de valores familiares e sociais, etc., para perceber o mundo externo aqui, agora e assim.

3.1 Para Aristóteles (384-322 A.C.)

Aristóteles (2006) descobriu a propriedade da racionalidade humana, e definiu como um sistema indutivo e dedutivo capaz de fazer lógica. É um sistema que foi gradativamente abandonado, e trocado pela fé e esperança ou crença em um Deus que ilumina o homem, que tudo cria e é bom e fiel, desta forma nos infantilizamos e não somos, de certa maneira, responsáveis por nós mesmos.

⁴ O termo “materno” é compreendido aqui na função do adulto-mãe (MENEGETTI, 2010; 2012).

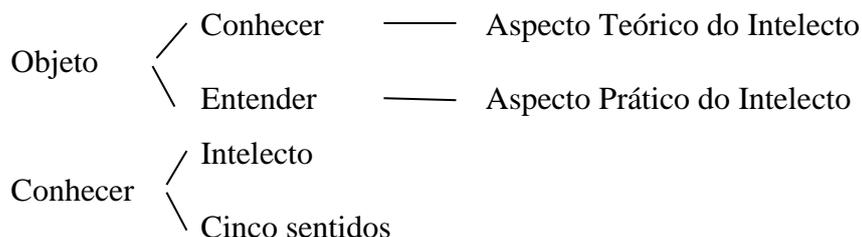
Aristóteles (2006) afirma que o humano tem a alma que é composta de duas partes: sentidos (percepção sensível) e do intelecto.

Para este autor e filósofo: intelecto (*entelekheia*) = associa ao fim e à perfeição do indivíduo (*telos*).

Vontade (*boulêsis*) ou apetite (*epithymia*) – esta se manifesta de maneira racional, como aspiração. Ele diferencia vontade de desejo (*thymos*), não racional, no sentido de apetite. Aristóteles demonstra que o intelecto sozinho e diretamente, não comanda o comportamento e as ações de um indivíduo, mas pode fazê-lo por meio da vontade (*boulêsis*), que é a forma racional do desejo.

Para Aristóteles (2006) o intelecto possui a função de pensar e os cinco sentidos atingem a percepção. Apesar de análogos ambos são diversos, separados. Para ele, o intelecto serve para perceber as formas inteligíveis, da mesma maneira que a percepção sensível consiste em receber as formas sensíveis sem a matéria.

Para Aristóteles (2006), conhecer é o que designa o aspecto mais teórico da atividade intelectual e entender o aspecto prático do saber, os dois são voltados para o objeto.



- pensar é como perceber, no sentido de receber a forma do que é pensado sem a matéria, e de tornar-se, de alguma maneira, semelhante a ela;
- se o que se pensa já tiver uma forma, não será possível que adquira a forma alheia;
- não há nada que não se possa pensar;
- logo, o que pensa não tem qualquer forma, exceto esta: ser potencial, isto é, capaz de receber formas.

Para Aristóteles (2006), o intelecto deve ser apto a receber inscrições, tal qual uma tabuleta onde nada está escrito em ato e tudo poderá vir a ser impresso. Para este autor, a imaginação ou fantasia é a capacidade de produzir imagens mentais, entendida em um sentido amplo. Para ele a imaginação não é percepção, opinião, ou o intelecto. Para ele a imaginação é na maioria das vezes falsa. Para Aristóteles (2006) a percepção sensitiva é sempre correta, e o pensamento e a imaginação podem ser falsos.

3.2 Para São Tomás de Aquino (1.225-1.274)

“O intelecto criado, pode ver a Deus uma vez que ajudado pelo lume da glória divina” (AQUINO, 1981, p. 89).

“Ora, é manifesto que Deus é, de um lado, o autor da faculdade intelectual e, de outro lado pode ser visto pela inteligência” (AQUINO, 1981, p. 88).

Para São Tomás de Aquino o intelecto é só uma capacidade de representar o objeto externo. Ele mantém a dualidade indivíduo/objeto, onde o intelecto tem condições de ver a Deus ajudado pela luz divina, mas não pode tender a Deus. Divide o intelecto em agente, intelecto passivo ou passível ou também intelecto possível.

Vontade: é a faculdade de conhecer, voltada para o ente; e percebe o ente sob o aspecto de verdadeiro. Dividida em duas vontades: vontade natural que parte do criador e a deliberativa parte do indivíduo. Ele se refere ao filósofo Dionísio, argumentando que o mal, é absolutamente involuntário.

São Tomás de Aquino dá a entender que o mal é um ato involuntário, o mal como tal não move a vontade, senão enquanto considerado bem. Ora, da própria malícia deles procede julgarem bem ou mal. Para este autor o mal não move a vontade e sim o fato das pessoas por ele chamadas de condenados acharem bom aquilo que é mau.

3.3 Para Frantz Brentano (1838-1917)

Para Brentano o ato de atribuir valor ou desvalorizar ao objeto externo nas atividades emocionais vem a ser a expressão da peculiar referência intencional que esta atividade tem com o objeto externo. Como intenciona o objeto externo coloca neste um juízo de valor, positivo ou negativo. Para Brentano o ato psíquico é intencional, tem um interno sentido ao objeto externo.

Franz Brentano é o autor do livro *Psicologia do Ponto de vista empírico* lançado em 1874, pai da psicologia humanista e da psicologia gestaltista. Para ele o objeto de estudo da psicologia é a atividade mental, o ato mental de pensar e não o conteúdo do pensamento. Chamada também psicologia do ato.

De acordo com Brentano, o ato intencional ou mental pelo objeto externo se dá como referência como é conhecido pela consciência. A consciência coexiste com o ato intencional e, o objeto por como é conhecido por ela.

3.4 Para Antonio Meneghetti (1936-2013)

Meneghetti esgotou o tema no aspecto de demonstração dos argumentos, de intelecto, vontade e consciência. Por qual razão trazemos o tema a discussão: a dificuldade está na compreensão que existe um erro de consciência em nós humanos, que é repetitivo e não nos permite a realização. O motivo por que é repetitivo é que se trata de uma memória assimilada do ambiente familiar e social, do qual eu com minha consciência nada sei do real que me circunda.

Necessário verificarmos um pouco a respeito da consciência. A consciência é um espelho que faz reflexão do objeto percebido e é nela que o Eu lógico-histórico se abastece de informações para agir.

Uma das questões fundamentais deste autor, é que ele percebe “o erro de consciência”. Ele foi o primeiro cientista que se tem documentado, de perceber que os erros no ser humano que causam inúmeros sofrimentos e doenças, partem sempre da percepção da consciência que não se fundamenta na realidade em si do objeto, mas num modo própria desta de “ler” o real.

Meneghetti (2010) explica que é o real que desenha ciência na nossa consciência, ou é a nossa consciência que desenha o real. No primeiro caso. O nosso saber é reversível e eficiente. No segundo caso é um crer sem função. Esta crença sem função é uma característica da consciência, que se fundamenta e reflete memórias fixadas na primeira infância, na cena primária imposta pelo adulto-mãe, mais tarde por todas leis e morais do social.

A consciência ou Eu lógico-histórico se forma a partir de três aspectos: a) o tecido orgânico; b) interação corpo ambiente; c) ação diretiva e organizada do social (MENEGHETTI, 2010). Devido a estes três fatores nossa consciência se volta, em muito, para o contexto externo, esquecendo-se da subjetividade interna, auto conservação do corpo, do crescimento e da criatividade individual.

Em relação ao intelecto ou inteligência, verificamos, na Ciência Ontopsicológica que, do Latim: *intus actionem legere*, significa ler dentro da ação, compreender dentro (MENEGHETTI, 2012). Para Meneghetti, o intelecto intenciona sempre o ser (in-tenciona), tensão ao dentro do ser, ao uno em si da coisa.

Aquela parte mais íntima da mente chama-se intelecto. Esse, na sua operação natural, sabe o ser. O intelecto é verdadeiro quando reflete o objeto real, porque quando reflete o ser é ser, é coincidência, é conformidade. Não é mais imagem, reflexão, abstração: quando o intelecto intenciona o que é, é ação ôntica, porque colhe por coincidência: sabe o ser que é. Portanto, o intelecto, ao saber o ente, é

ente. O princípio da evidência, ou verdade, é o ser que sabe, reflete e espelha a si mesmo (MENEGETTI, 2012, p. 36).

Em relação à vontade, para Meneghetti a vontade é a faculdade da psique que intenciona, que quer ou não quer determinado objeto, que assimila ou não assimila, que faz a ação, age a própria seleção. A vontade é mais importante que o intelecto. Chega mais longe quem é mais ativo do quem é mais inteligente. O intelecto e a vontade agem sempre em conjunto. Vejamos a citação de Meneghetti:

Certamente a vontade age junto com o intelecto, mas quase sempre a consciência do homem colhe isso em um segundo momento. Parece que num primeiro momento, parta o intelecto, todavia, outras vezes, é a vontade que o antecipa, por exemplo, quando um sujeito quer compreender, saber, informar-se, em tal caso, é a vontade que leva o intelecto a operar, a medir (MENEGETTI, 2008, p. 70).

A vontade junto com a consciência se direcionam ao objeto externo, procuram conhecê-lo. Na verdade, é mais importante resolver o sujeito, porque eu tenho um tempo limitado e todos os objetos externos a mim continuarão após a minha morte. Eu não percebo o erro que cometo uma vez que utilizo uma memória que foi dada pela cultura social e familiar, voltada ao objeto externo, e muitas vezes esqueço de mim, da minha subjetividade.

3.5 Para Alécio Vidor (1938-)

O intelecto para este autor – fundamentado na Ciência Ontopsicológica – deve conhecer por presença interna e o modo de conhecer é a intuição. O intelecto deve refletir o ser.

Intelecto ----- Intuição → Variação do Ser ou Divino

O intelecto reflete a variação do ser, seu objeto é o ser enquanto ser, colhe por presença interna e conhece por intuição. O intelecto é o leitor do ser. Quando o ser se move, se abre e se vê, o ser se espelha. O vidente e o visto coincidem. O ser faz-se presente no intelecto e esse, ao refletir, faz-se ser. O ser é semelhante ao saber e o saber é semelhante ao ser, é uma conexão de semelhantes em identidade. Quem lê o íntimo do ser é o íntimo do ser (VIDOR, 2015, p. 34).

Para o autor, a consciência, via de regra, está em erro ao verificar a realidade da individuação, esta se ocupa do contexto externo, família, sociedade, etc., e esquece da subjetividade. A consciência comete erros baseada nos seguintes aspectos externos: a) memória do passado; b) educação familiar; c) cultura social.

A consciência inverte a ordem da natureza, que se fundamenta em preservar o indivíduo a qualquer custo, e ela se volta para o ambiente externo, para ajudar o próximo, ajudar a família, a sociedade e o indivíduo esquece de si mesmo.

A consciência deveria ser um espelho fiel da inteligência (= espelho adjunto). Mas a consciência, enquanto se adapta à impressão dos sentidos ou se apoia num conjunto de versões fixas e de memórias passadas, torna-se resultado de influências externas e fica esquematizada pela educação e cultura. As projeções conscientes perdem o contato com o real vivido e as projeções reduzem-se a opiniões ou interpretações distorcidas (VIDOR, 2015, p. 35).

A consciência sofre influências externas e não se apercebe que a realidade é diversa do que ela reflete. A consciência utiliza convicções e ideologias fixas para refletir, quase sempre com base num passado.

A razão para o autor, usando o método indutivo e dedutivo, funciona muito bem no ser humano, é o sistema de funcionamento do intelecto, o problema está no erro de consciência que frente um fato, um objeto, etc., lê não o aqui, assim e agora, mas se baseia em memórias do passado, em valores culturais e de tradição, fazendo com isso que a racionalidade chegue ao erro, devido a uma leitura equivocada da realidade.

3.6 Reflexão

Todos os autores estudados neste trabalho abordam “intelecto e vontade” e se torna muito evidente neste estudo estas duas faculdades da alma. Existe uma divisão do intelecto em intelecto agente e intelecto passivo ou possível. No intelecto agente existe a racionalidade e a consciência. A vontade é quem interfere no intelecto agente para que este aja, descubra. Muitas vezes é o intelecto quem provoca a vontade de agir. A dificuldade no ser humano está em que a consciência por infantilidade e preguiça, dá por certo algumas coisas que na verdade são falsas. O Eu não checa todas as coisas sempre do início, se baseia numa memória aprendida.

O intelecto colhe o ser por intuição basicamente e tem sempre a preocupação com a biologia integral do sujeito, com a realização de todos os instintos, com a criatividade do sujeito. A primordial tarefa do intelecto é a auto conservação do corpo do indivíduo e depois com a criatividade. Dentro do intelecto agente, a dificuldade está na consciência e não no sistema racional.

O Eu lógico-histórico tem a porta de acesso entre o corpo orgânico e o meio ambiente. É ele quem em última análise decide, quem escolhe o que ele julga o melhor para aquela

individuação no aqui, assim e agora. A consciência muitas vezes reflete em erro à realidade que nos circunda, e o Eu acaba agindo de maneira equivocada, sem perceber-se do erro de reflexão que a consciência faz.

A esquizofrenia existencial e neuroses, e todos os efeitos psicossomáticos e comportamentais, determina-se como efeito provocado pela notável inexatidão do eu e do superego social e materno. O erro de consciência está no momento da reflexão da consciência dos fatos externos que a nós chegam, pela inserção desde a infância do monitor de deflexão.

A consciência se fixa normalmente no passado do sujeito de modo a ele respeitar as tradições, a cultura, as leis vigentes, a família, em detrimento da leitura exata da realidade.

O intelecto tem a propriedade de refletir o ser que é através de todos os instrumentos que estão à disposição, tais como intuição, sonhos, emoções, sentimentos. A dificuldade do intelecto é que a consciência é quem deve perceber as mensagens dele, e utilizar a razão para poder operar. A racionalidade humana é perfeita, funciona sem nenhum problema, acontece que é a consciência que abastece a racionalidade, possui um banco de dados não funcionais para o organismo, e seleciona os objetos por temática complexual.

4 Considerações Finais

1) O intelecto, a vontade, a consciência e a racionalidade fazem parte de um mesmo sistema que visa fazer conhecimento para aquela individuação. O Eu lógico-histórico deve selecionar aquilo que é útil e funcional para aquele indivíduo. A consciência é impedida pela presença desde a infância do monitor de deflexão.

2) A correção da consciência para refletir a realidade do sujeito demanda empenho e tempo. Não basta estudar e compreender este processo racional. É necessário usar todo o corpo para executar a mudança. O mérito cotidiano é necessário, a disposição de mudar o estilo de vida, de roupas, de relações afetivas, é a parte mais difícil. Nossas relações afetivas muitas vezes são estabelecidas por memórias, por fatos externos e não são de vantagem para aquela individuação.

3) A consciência se formou mais tarde (em torno de 4 a 6 anos) não sabe o que ocorreu antes desta idade. O Eu lógico-histórico segue os ensinamentos aprendidos pela ação diretiva e organizada do ambiente próximo, a família onde crescemos e o ambiente social.

4) Todo o nosso corpo com o qual nascemos é positivo, é biológico, é bom, é belo, é útil e funcional para o indivíduo. Foi a alma quem construiu este corpo para cumprir uma função. Tudo o que está além do corpo ou fora do mesmo, é objeto, devemos questionar tudo

o que é externo como por exemplo: por exemplo, a amiga, a mulher, o filho, o livro, a casa, o negócio, a religião.

5) Uma das grandes contribuições que Meneghetti, como filósofo e cientista traz, é que ele percebeu a existência do monitor de deflexão no Sistema Nervoso Central do humano, que é um mecanismo que distorce as imagens que chegam a consciência.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **De Anima**. Livros I, II e III. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2006.

AQUINO, Tomas. **Suma Teológica**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1981.

MENEGHETTI, A. **Psicologia do Líder**. 4. ed. Recanto Maestro: OntoEd, 2008.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto do Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

VIDOR, A. **Filosofia Pura**: a atividade psíquica deve manter-se em nexos ontológicos. Recanto do Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

MENEGHETTI, A. **Da Consciência ao Ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Intelecto e Personalidade**. Recanto do Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

OCKHAM, G. de. **Lógica dos Termos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.